Um jogo entre frus e sinet



eu sabia que eu estava dentro de um sonho com mais três companheiros, a gente discutia como iríamos fazer aquilo, como a gente devia expressar este sentimento que é a definição de uma filosofia, um propósito para a vida

as ideias a gente trocava por telepatia

só ao final era possível falar neste sonho, uma espécie de sinalização para aquilo que seria concluído, demonstrado, trazido do mundo das ideias para aquele dos despertos: seria uma nova teoria científica, uma clareza nascida de boas hipóteses, incansáveis testes e verificações

...eu disse que ia falar...

então apareceram outras quatro pessoas, e eu sabia que elas não eram dali, não eram do mundo dos despertos que estavam sonhando conosco, elas também estavam sonhando, mas vinham de outro plano

(estariam mortas, livres dos laços da matéria? seriam de planos mais elevados?)

...e elas disseram que queriam escutar o que a gente tinha a dizer...

e, naquele sonho, as palavras me faltaram – elas simplesmente não bastavam – para expressar o que a gente tinha compreendido, uma analogia e tanto para estes versos aqui, que gostariam de ser muito mais do que são, mas as ideias simples esparramam, vazam, por entre as letras e escorrem através do plano do papel

quase sempre

como se alguém nos dissesse: – aquilo que é do sonhador fica na ideia dele, você não bota no papel, por favor

talvez o mundo dos despertos (vivos) tenha leis próprias que limitam a compreensão holística de cada parte, uma interjeição imperfeita, aí, que tristeza!

força a gente pela seara das racionalizações, filosofias sem fim

está tudo aí, de bandeja, para quem sente apenas

use menos a cabeça

use mais o coração

bebê

papai do céu deu-me tarefa das mais hercúleas, e isso não seria nada fácil, bem sabia eu do peso de meus pecados, do carma que seria sublimado se, porventura, respondesse à altura das suas expectativas

sei que se agora as borboletas não estão flanando sobre os arbustos é porque a brisa da manhã de outono é ainda um pouco gelada

quando o sol estiver a pino, o verde dos arbustos e as flores vermelhas começam a cozinhar o gás carbônico

aquele cheirinho gostoso que os humanos não sentem, as borboletas e as abelhas percebem de longe

como eu sei disso eu não sei, mas eu sinto, é intuitiva a identidade da natureza com si mesmo, como sempre foi, como é

a percepção fora do tempo per se

seria algo entre o jogo de frus e aquele de sinet, um passatempo intermediário entre uma e duas pessoas, esporte para um e meio jogador

eu vou sentir: a brisa boa das gotículas d’agua salgada que se desprendem da crista da onda e sopram em direção a praia

o som cíclico e reconfortante do mar quebrando na areia: eu posso escutar

não são apenas pessoas, o cardume dos peixes espertos, os golfinhos, as águas-vivas também brincam de frus na arrebentação

é natural o sol aquecer a pele e isso pode ser bom como um abraço

no sonho o meu pai dirigia o ônibus

o ônibus tinha uma particularidade que descobrimos depois

havia um arranjo de magnetos naturais organizados em torno do eixo que dava a tração, o atrito de uma corrente com o chão gerava faíscas, estas faziam os elétrons circularem por espiras fixas externas ao arranjo de magnetos, a repulsão entre os campos fazia o eixo girar, o ônibus seguia adiante, o movimento do ônibus puxava a corrente que atritando com o chão gerava mais faíscas, por sua vez faziam os elétrons permanecerem circulando pelas espiras, já não era possível distinguir a causa do que era o seu efeito, tudo se misturava tão perfeitamente bem no sonho, um exemplo brilhante do moto-contínuo

a estrada para a energia infinita, o furo tão sonhado na terceira lei da termodinâmica, a partir do qual seria possível diminuir a entropia do universo, reverter a seta do tempo, no sonho ela existia e estava lá a impulsionar avante o nosso ônibus azul

ou seria a estrada a retroceder? dito isso, subtraídas a incoerência e a ilusão características dos sonhos, resta-nos a vida, os ciclos encadeados de nascimentos e mortes, organizando a natureza de forma tão improvável quanto precisa, em crescente grau de complexidade das criaturas, bem debaixo dos nossos olhos

não conseguimos nos aperceber do moto-contínuo em nós mesmos

o observador brinca com os resultados da experiência sem se dar conta, o rato, o queijo e a ratoeira, em última instância, o queijo é quem move a ratoeira, se a culpa é da vaca

pelas veredas verdes num dia quente segue o transporte, o ônibus azul

quando o pôr do sol se aproxima, o motorista diz para todos os passageiros que vamos passar quatro horas sem contato com o plano dos despertos, a estrada pelo caminho da lógica está fechada a noite, e seguiremos por outra trilha, a única passagem para os sonhadores é através da floresta, pela mata fechada, o tortuoso caminho iluminado apenas pelo chão de estrelas, cravejado de luzes singelas, dentro e fora de nós, o caminho infinito de aparente e ilusório esmaecer contra o sol

simplesmente acontece: desta estrelinha estar perto demais a ponto de eclipsar o sentir, o que vem do coração, e paradoxalmente ele mesmo, o sol, tão distante que não nos sublima de imediato

faz de nós essa brincadeira de cabra-cega, como uma vela, a chama da vida, consumir lentamente, na alternância entre o oxigênio e o gás carbônico no corpo, esse inalar e expirar cíclico, que é o oposto da fotossíntese nas plantas, para que tudo permute, troque de lugar, e o moto-contínuo passe desapercebido àquele que pensa que pensa desperto, sendo levemente evidente só quando ele dorme

sente

agora sonha

para onde vamos eu não sei

no jogo de sinet, quando a bolinha salta sobre a rede, deve voltar para o outro lado da quadra

cada um de nós em busca de sua outra metade

fixe a isso o sonho, imagine o inverso, uma peneira para pegar o peixe

se isso pode, no jogo de sinet a bolinha joga com outros dois jogadores, já estão eles lá, no íntimo de um mesmo coração

desperto é que não pode, partem-se em dois

meus olhos no espaço

passei o olhar em revista ao seu corpo, e fixei em teus olhos

travei a mira no alvo (a maneira de se caçar a rã com lanterna, a luz atrai, encanta e paralisa, a luz une, inebria, faz a comunhão de dois)

as crianças ávidas por beberem da vida

os velhos explicando para eu morrer devagar

o eu adulto: meio indeciso, com toda a certeza de que não tenho certeza alguma, muito certo de que não caibo mais no útero, abundância de vida para estancar já numa cova, se tudo o que tenho é a dúvida da filosofia, nada posso fazer senão desfrutar do momento

meio aqui, meio agora

e terno por breve que seja

o raio que disparo de meus olhos tem o laser do meu coração, vaza instantâneo pelo éter que permeia a eternidade, ligando diretamente aos olhos teus

e bang bang bang: não fura, acalma, e através das vistas acalenta, aquece, abraçam-se, encaixam-se assim perfeitos os corações

para tum tum tum: pulsarem sintonizados

é muito difícil dizer dele, papai do céu, mas é mais ou menos isso

o amor

sei que a narrativa ficou aquém, mas segue o jogo

um jogo entre frus e sinet

para escorregar sobre as ondas de mansinho

sei que esta estrela bolinha bagunça com a cabeça da gente

faz a gente esquecer que pensa que sabe tudo que racionaliza

bota a gente no lugar da gente

faz a gente lembrar que sente

papai do céu

Sobre o autor



Alessandro Teixeira Neto – que também assina sob o heterônimo Jorge Xerxes – é pisciano; nascido no ano de 1971. Ser Humano, Pai, Engenheiro, Leitor e Não-Escritor. Natural de São João da Boa Vista, SP; “cresci ao pé da serra da Mantiqueira; por entre trilhas e cachoeiras; sempre em rota de colisão àquele verde inconcebível”. Estudou por pouco mais de dez anos na Unicamp; “tinha o meu próprio ritmo de assimilar as coisas” diz com um sorriso enigmático no canto da boca. Interessa-se por tudo aquilo que nos passa desapercebido; “gosto de escrever sobre as coisas pequenas”. Mantém o sítio “Palavras Órfãs de Poesia: O que Restou” desde dezembro de 2008.

https://jorgexerxes.wordpress.com/about/